MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

PROJETO DE EDUCAÇÃO PELO RÁDIO

ESCOLAS EXPERIMENTAIS

COORDENADORA: GISELDA PONSECA

MARÇO - 1963
MOVIMENTO DE CULTURA POPULAR

PROJETO DE EDUCAÇÃO PELO RÁDIO

ESCOLAS EXPERIMENTAIS

COORDENADORA: GISELDA FONSECA – MARÇO-1963

1 - JUSTIFICATIVA

O Projeto de Educação pelo Rádio, diante da impossibilidade de obter horário que atendesse às suas conveniências nas emissoras locais, viu-se na contin- gência de suportar a falta de orientação radiofônica nas classes de alfabetiza- ção.

Fundamentada na experiência realizada em 1962, o PER iniciou um novo tipo de classe, as classes experimentais, nas quais o monitor, servindo-se do Livro de Leitura para Adultos como roteiro de programa, desfiava aos alunos a compreensão do processo da alfabetização através de cartazes e fotografias que motivam o educando.

De um lado, a utilização de recursos visuais, complementando a percepção auditiva, amplia o sistema de percepções sensoriais do aluno; de outro lado, o debate sobre temas do Livro de Leitura, centrados todos eles em problemas ou atividades peculiares ao grupo, estimula o interesse natural do aluno, contribuindo para maior fixação dos sinais captados.

A pedagogia moderna é acordar em afirmar que os textos devem refletir a cultura e o ambiente do aluno. A habituação, o trabalho, os conceitos religiosos, as condições sociais, as tradições populares, etc., antecedentes de ordem cultural, portanto, constituem os centros de interesse do Livro de Leitura para Adultos, do MCP.

Esses os motivos que levaram o PER a buscar na apresentação visual um recurso auxiliar para a comunicação.

Esses os motivos que levaram o PER a utilizar o Livro de Leitura para Adultos como roteiro a ser seguido, uma vez que ele generaliza um máximo de situações comuns aos adultos de Pernambuco, particularmente de Recife.

Concebendo a educação como um processo de comunicação, o PER prepara o moni- tor para o debate com o grupo a ser alfabetizado.

2 - APRESENTAÇÃO

O método de aprendizado é analítico-sintético. Dentro de roteiro pré-estabeleci- do, no entanto plástico, o monitor estabelece o diálogo com o grupo; partindo de palavras que surgem no debate, constrói frases simples porém ricas de conteúdo. Em seguida essas mesmas frases são usadas em exercícios de fixação de palavras. O monitor orienta o debate, levando o aluno a descobrir que as palavras são formadas por pedaços que se ligam.

Conceituada assim a sílaba, os alunos são solicitados a formar novas palavras. A denominação da letra é a última etapa da aprendizagem de cada palavra que vem apresentada.

A simplicidade do mecanismo - palavra - frase - palavra - sílaba - palavra - frase - aliada à apresentação rica de interesse para o aluno, uma vez que cada palavra geradora, ou cada frase formada, representa asp- ectos concretos da realidade vivida por ele próprio, maximizam a captação e fixação dos conhecimentos comunicados.

De posse do instrumental que vai lhe permitindo reconhecer os sinais escritos, o aluno caminha para a compreensão de textos e, ao mesmo tempo, vai se apropria- rando dos elementos fundamentais de nossa gramática - concordância - sujei- to - verbo - pontuação, etc., - sem que para isso lhe sejam transmitidas de- finições ou regras.
A realidade brasileira - história, geografia, educação sanitária, cultura popular, etc. - é transmitida em conjunto com a alfabetização.

Poesias e músicas brasileiras são elementos de motivação dentro do plano geral de centros de interesse, despertando ou desenvolvendo no grupo o sentimento ou aptidões artísticas paralelamente à alfabetização e conscientização.

3 - FORMAÇÃO DO PESSOAL

As escolas experimentais, como as radiofônicas, não exigem do monitor nível secundário.

A experiência nos tem demonstrado que na comunicação com os alunos, ao lado dos conhecimentos teóricos, o monitor deve ter a sensibilidade dos problemas do grupo. O monitor, mesmo de nível primário, mas pertencente ao meio do grupo, habitando nas imediações da escola, participando das mesmas dificuldades, estabelece de imediato contato com os alunos, compreendendo e, sobretudo, sentindo suas aspirações e necessidades.

O monitor é localizado, por isso mesmo, em escola próxima à sua habitação.

Após a seleção, teste simples de conhecimentos fundamentais, o monitor recebe um curso intensivo de 3 semanas - 15 dias aulas - no qual lhe são transmitidos elementos básicos de linguagem, aritmética, história e geografia, realidade brasileira e técnica de alfabetização.

Durante este curso inicial o monitor entra em contato com as famílias residentes próximas da escola, comunicando o início das classes e convidando os adultos analfabetos a participarem do curso. Assim são abertas as matrículas e, no mesmo tempo em que a comunidade tem conhecimento da existência de nova atividade a ser desenvolvida, é convidada a nela participar.

Iniciadas as classes, os monitores passam a receber orientação semanal sob a forma de um roteiro, para toda a semana seguinte. O roteiro é debatido, iniciando-se o monitor desta forma nas técnicas de debate em que ele irá utilizar, a seguir, em seu diálogo com o grupo, a ser alfabetizado.


Assim preparado e assistido o monitor está plenamente capacitado a desempenhar suas funções.

4 - SUPERVISÃO

A Supervisão é essencial nas classes de alfabetização. Tem como objetivo primordial o desenvolvimento do elemento humano, atendendo a diferenças individuais e orientando o grupo. Ela se faz ainda necessária como fator de uniformização e sistematização, permitindo maior rentabilidade do trabalho e, em um segundo tempo, a análise e a avaliação do rendimento.

A supervisão orienta, estimula e ajuda os elementos do grupo. Para que a supervisão atinja seus objetivos, deve ser planejada. O planejamento exige conhecimento da situação real. Partindo-se de um planejamento adequado podemos estabelecer os dados que vão constituir os elementos de análise do trabalho realizado e avaliação do rendimento obtido. Para atingir seus fins, deve ser democrático, suscitando a participação do supervisionado; flexível, para se ajustar à personalidade de cada integrante do grupo; objetivo, para atender às necessidades reais do trabalho.

O PER planejou a supervisão, distribuindo as classes de alfabetização em distritos de supervisão. Cada distrito abrange uma ou mais zonas administrativas (classificação da P.M.R) de acordo com o número de escolas em cada zona.
Sendendo das duas horas de duração de cada aula, o supervisor tem a possibilidade de atender 4 escolas por noite, uma vez que as escolas são agrupadas em função de sua proximidade. Um transporte, portanto, é necessário para cada grupo de 4 escolas. A supervisão é planejada de modo que cada escola seja visitada pelo menos uma vez por semana. Os supervisores fazem a visita em grupo de dois, necessidade dita pela prática, dentro de nossa técnica de supervisão. Um grupo de 2 supervisores visita 4 escolas por noite, ou seja 20 por semana. Um total de 200 escolas, portanto, necessita de 10 grupos de supervisores. Enquanto um dos supervisores se dirige para o monitor, o outro atende diretamente aos alunos. O supervisor, para atendimento do verda-deiro sentido do processo educacional, deve apresentar qualidades de bom senso, paciência, lealdade, tato, entusiasmo, iniciativa, controle, socialidade, visão de conjunto, capacidade física e mental, para levar a bom término seu trabalho.

O IER, promove o desenvolvimento do supervisor, para que ele se mantenha atualizado, realizando os círculos de estudos sobre problemas educacionais e outros relacionados com a realidade brasileira. No decorrer da supervisão, encontra-se exercitando a liderança, o encoragemado debate, período da aula e outros do momento atual, procurando conciliar o grupo, contando com a participação do monitor.

O supervisor é ainda responsável pela avaliação do rendimento do trabalho. Para isso é ele encarregado de coligir dados, tais como data do início e do término das classes, número de alunos matriculados, frequência média, número de concluintes, relação de matrículas com idade, sexo, profissão, etc. O supervisor é também encarregado das relações com as associações, onde funcionam escolas. Para isso, procura resolver dificuldades, com a colaboração dos supervisionados - monitor e alunos - expressando-se com moderação e bom senso. A supervisão, portanto, concorre decisivamente para estabelecer condições ótimas de funcionamento das classes de alfabetização.

5 - CUSTO POR ALUNO

As classes são organizadas teoricamente em grupos de 30 alunos.

A equipe central é constituída pela coordenadora, professores para formação do pessoal, técnicos para elaboração de material pedagógico e supervisores. É claro que a proporção que aumenta o número de classes diminui o custo do aluno; pois, uma parcela do custo inicial permanece fixa, ou aumenta em proporção mínima relativamente ao número de alunos, que cresce na proporção teórica de 30 alunos por classe.

Tomemos por base a manutenção de 200 classes, ou seja teoricamente, 6.000 alunos.

Pessoal - (mensal)

1 coordenador
2 professores (formação do pessoal) Cr$ 20.000,00
2 professores (elaboração material) Cr$ 20.000,00
1 responsável supervisão
1 auxiliar administração
20 supervisores Cr$ 15.000,00
200 monitores Cr$ 7.000,00

Total

Material - (total)

a)
200 esponjas Cr$ 70,00
100 caixas de giz Cr$ 140,00
100 resmas papel mimeografo Cr$ 800,00
cartolina, tinta, etc.

Total

Cr$ 128.000,00
b)
6.200 livros  
Cr$ 70,00 
6.000 blocos  
Cr$ 25,00 
6.000 lápis  
Cr$ 5,00

Cr$ 134.000,00
Cr$ 150.000,00
Cr$ 30.000,00
Cr$ 614.000,00

*Transporte*

10 jipes das 18:30 às 22:30, 2 vezes por semana, correspondendo a 4 (quatro) horas de extraordinário para os motoristas, durante 15 semanas.

Por dia: 4 horas x Cr$ 100,00 = Cr$ 400,00 x 10 jipes = Cr$ 4.000,00

Por semana: 5 dias x Cr$ 4.000,00 = Cr$ 20.000,00

Total: 15 semanas x Cr$ 20.000,00 = Cr$ 300.000,00

### Custo total

<table>
<thead>
<tr>
<th>pessoal</th>
<th>1.545.000,00 x 4 meses</th>
<th>Cr$ 6.180.000,00</th>
</tr>
</thead>
<tbody>
<tr>
<td>Material</td>
<td>128.000,00</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>Transporte</td>
<td>300.000,00</td>
<td></td>
</tr>
<tr>
<td>total</td>
<td>6.608.000,00</td>
<td></td>
</tr>
</tbody>
</table>

Consideramos fator importante para a formação do aluno a compra de material escolar por ele próprio. Por esse motivo o custo do material foi apresentado em dois itens, a) e b), o Livro de Leitura, bloco e lápis, constituindo parcela à parte na presente estimativa.

Consideramos que o custo das 200 classes iniciais é mais elevado, uma vez que o percentual correspondente a pessoal, representando 93% do total, tende a diminuir à proporção que aumenta o número de classes.

O custo aluno equivale teoricamente a Cr$ 6.608.000,00 dividido por 5.000 alunos, ou seja, Cr$ 1.321,60 por aluno.

Insistimos no termo teoricamente porque, na verdade, as turmas não se constituem grupos de 30 alunos, cabendo às matrículas ultrapassarem, em sua maioria, a casa dos 40.

### 6 - Evasão Escolar - Sugestões

O grande problema da evasão escolar, comprovado no decorrer dos últimos anos de nosso trabalho, comprova a insuficiência da alfabetização pela alfabetização, sem a preocupação maior de integrá-la no contexto socio-econômico do grupo.

Numa análise superficial encontramos alguns fatores constantes ocorrendo para o afastamento do aluno.

Numerosas matrículas são efetuadas, tendo o aluno por objetivo, obter carteira de estudante que irá lhe garantir redução no preço de transportes e diversos. Desencanta-se efetивamente quando se convence da inutilidade de seus esforços em consegui-la, uma vez que o S.E.T.P.P. só concede carteira de estudante aos jovens das classes não oficializadas, até a idade máxima de 14 anos.

A quase totalidade das classes é constituída por feirantes, operários, domésticos, soldados e vendedores ambulantes. A freqüência é sensivelmente abalada pelo sereno (necessidade de dormir cedo para madrugar nas feiras) mudanças de empregos domésticos, horário rígido de entrada no quartel, etc.

Por outro lado, chuvas, culto religioso, reunião das associações, festas populares etc. interrompem a sequência regular das aulas.

No entanto, o fator básico de afastamento do aluno é a prática da alfabetização pela alfabetização. Não é motivo bastante para o analfabeto aprender a ler para saber ler. E fundamental que lhe seja dada, de imediato, uma perspectiva de melhoria de condições de vida. O desesperar para a cultura é posterior ao aprendizado da leitura. A alfabetização é válida para o adulto analfabeto, na medida em que se constitui instrumento de trabalho, como fator decisivo na obtenção de emprego, ou elemento imprescindível para atingir estágio melhor
dentro de sua profissão.

Ao operário, aconselhar o nome de ler o letreiro de seu ônibus, só a aquisição de conhecimentos não lhe propiciar emprego melhor remunerado. Estudar, aprender, não terá sentido para o desempregado, se não houver aceno de condições de emprego para ele. Homens cansados nos têm dito que é melhor dormir odo ou jogar dominó na associação de bairro, que forçar a cabeça já fatigada com os problemas de cada dia, para aprender a ler ou para estudar.

Essas dificuldades podem ser superadas com a profissionalização da escola. Porque motivação para o adulto será a aprendizagem de uma profissão aliada ao processo de alfabetização. Atraído pela perspectiva de aprender uma profissão que irá lhe garantir a subsistência, o adulto procura se alfabetizar porque passa a ver na alfabetização um dos elementos que lhe irão integrar na comunidade. Motorista, barbeiro, manicure, alfaiate, costureira, carpinteiro, enfermeiro, são alguns dos profissionais que sugerimos como aprendizado paralelo à alfabetização.

Consideramos positiva a experiência feita neste sentido em Natal pela campanha "De pé no chão também se aprende a ler". Assim julgamos oportuno um estudo mais detalhado sobre as soluções e métodos utilizados em Natal sobre a profissionalização dos alunos como primeiro passo concreto para superar o problema da evasão escolar. Sugermos o envio de dois integrantes do NER para verificação, em Natal, dos resultados obtidos, métodos utilizados, verbos dispensados, etc. com a campanha "De pé no chão se aprende uma profissão". A profissionalização de adultos constituiria inicialmente um setor do Projeto de alfabetização, tornando-se, logo que necessário, um Projeto independente, se bem que ligado ao Projeto de alfabetização, pela natureza própria de suas atividades: constituir a motivação básica para a alfabetização dos adultos.

7 CONCLUSÕES

Considerando que:

a) o NER ultrapassou o campo da educação pelo rádio;
b) iniciou uma técnica simples de alfabetização dentro das condições de que dispunha;
c) preparou e, vendo dando assistência a toda uma equipe qualificada para o trabalho programado;
d) os resultados iniciais nos levam a prever rendimento ótimo na alfabetização;
e) a equipe está habilitada a instalar escolas radiofônicas desde que disponha de horário em emissoras;
f) após entendimento com o prof. Paulo Freire, instalará no Recife, Círculos de Cultura para alfabetização, dentro da nova estrutura do MCP, o NER, com clúster, passaria a denominar-se PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DE BASE, denominação que atenderia realmente o tipo de trabalho desenvolvido.